ANO 2.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 1923 N.º 569

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA,
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

UM telegrama de Londres diz-nos que o professor Burdon Scemmel trata de fazer experiencias com uma substancia da sua invenção, denominada radium—fosfato de potassa, da qual espera tirar melhores resultados para o rejuvenescimento da humanidade que o dr. Voronoff com o enxerto das glandulas dos macacos.

Apesar de se dizer que o mundo anda ralado de desgostos, a verdade é que ninguem quere morrer... de velhice.

A mocidade que uma vez se perdeu nunca mais volta. Isto não impede que haja quem se dedique a penosos estudos, a fim de reconquista-la para os outros, mediante uma regia paga.

São já muitas as pessoas nas quais o dr. Voronoff enxertou glandulas de macaco... Ignoramos se ficam jovens ou simplesmente nais parvas.

Deve fazer deploravel figura o cavalheiro que aos setenta anos se julga trasladado de novo aos vinte. A mocidade—a que a natureza dá — é um dom precioso, uma fonte de amor e poesia. A que os sabios preparam nos laboratorios é uma falcatrua tão ignobil que só com olhos velhissimos se pode tolerar.

* * *

Manda a verdade que se diga que o Carnaval na Avenida, ontem, foi qualquer coisa de notavel pela afluencia de gente que julgava divertir-se.

Ao nosso lado, um sugeito que, encostado a uma arvore, espraiava a vista pelo mar humano, contando a quem queria ouvi-lo as grandesas carnavalescas de outras eras, apanhou em pleno rosto com um saco de papel, cheio de terra, pedrinhas e farrapos.

—Que brutos!—exclamou ele.

Calou-se, metendo-se num silencio profundo. Parece que era a primeira vez que dava de cara com o tremendo Entrudo cuja indomavel feresa ele celebrava...

* * *

Sob a direcção inteligente do arquiteto Antonio Couto, proseguiam as obras de restauração da Sé de Lisboa que a pouco e pouco resurgia das profanações varias e nefandas dos seculos ignaros.

Subitamente tudo pára, por falta de verba.

O sonho do artista suspende a sua marcha,

Como evitar que se deteriore muito do que está feito ou principiado?

Então a Sé de Lisboa ha de sofrer com a falsa pobresa do governo, ela que representa a maior riquesa da nossa raça — a sua fé em Deus, o seu amor á Patria?

* * *

A 1.ª secção do Senado (Finanças e Economia) reune ámanhã á tarde a fim de apreciar os projectos apresentados ultimamente pelas comissões. É proposito da secção trazer em dia os trabalhos como realmente acontece. A reunião é privada e os projectos relatados irão logo para a ordem do dia da sessão plena de terça-feira.

* * *

CONSTA que o sr. dr. José de Arruela, uma das figuras mais brilhantes e desempenadas do antigo jornalismo monarquico, vai voltar á actividade politica.

* * *

A SUBSCRIÇÃO aberta, entre os membros da comissão de homenagem a Alfredo Keil, rendeu esc. 7:135$00. Vai iniciar-se a subscrição publica.

OS DIAS PASSAM...

Dosapareceu o Carnaval que, durante uns dias. nos pôs deante dos olhos uma falsa realidade, á sombra da qual os foliões, a seu livre alvedrio, romperam pela vida fóra, como se a vida obedecesse aos nossos desejos ou ás nossas manias.

Estamos em quarta feira de Cinzas, de novo restituidos ás lamentações de todo o ano — cambios que sobem e descem, governos que ascendem ao poder com mãos-cheias de esperanças, mas que caem murchas como urses resequidas, carestia dos viveres, miseria dos lares e perspectivas de novas amarguras.

Como acabará isto?

Esta pergunta não pertence á categoria das ociosas, porque corresponde á necessidade de vencer a maior inquietação de todos os tempos.

O mundo anda em busca do seu norte e Portugal nem sequer sabe como garantir-se o seu pão. Nunca o patriotismo se tornou tão necessario nem tão dificil.

Em certos momentos, a gente não sabe onde chegam as fronteiras do país, tão afastadas se mostram as do nosso proprio corpo.

São sempre desgraçadas as epocas em que o homem se sente oprimido com este problema:

— Como viverei ámanhã?

E' excusado dizer que os derrotistas se aproveitam de todas as duvidas e covardias, para provocarem um longo movimento de alarme.

— Tudo está perdido... Salve-se quem puder, mesmo pela porta mais falsa!

E como nas derrocadas nem tudo são mortes nem ruinas, porque ha *le butin du malheur*, os que mais pressurosos se aprestam para fugir, são tambem os que mais desembaraçados voltam atrás, para descobrir fortuna no tumulto da abalada.

Convém que não nos deixemos surpreender pelas más palavras dos que não respeitam a dor alheia, desde que esta lhes possa trazer qualquer proveito.

E' inegavel que vivemos horas amargas, mas tambem ninguem pode contestar que nas provações é que se conhecem os homens.

Cada geração tem que pagar ao sofrimento os seus tributos. Quiz a sorte que os nossos fôssem enormes, quasi superiores ás nossas fôrças.

E' motivo para nos entregarmos ao desanimo, ao desgrenhado terror dos que se deixam vencer, sem lutar?

Firmemente declaramos que não.

Só os povos fracos se comprazem em soluções pessimistas. A verdadeira coragem consiste em fazer frente á desventura, arrostando-lhe com os golpes.

Portugal nunca se deixou abater pela sorte adversa. A dôr refaz-lhe a alma e o caracter.

Confiemos em que mais uma vez ele se vai salvar, permanecendo fiel á sua historia.

Argumento aceitavel

— O que fizeste á tua irmã?
— Nada, mamã. Piquei-a com um alfinete, mas o alfinete não tinha ponta...

OS livros que do estrangeiro veem encadernados ou cartonados pagam direitos quasi proibitivos, sob o pretexto de se proteger a industria nacional.

Livros de estudo—alguns dos quais escritos em português e por portugueses—ficam tão caros que poucos se atreverão a compra-los.

Um dicionario português-alemão, impresso na Alemanha, pagou de direitos, pela sua fragil encadernação em percalina, 12$00

Quem nos acode?

A nossa cultura intelectual passou a obedecer á pauta alfandegaria.

Nesta nossa triste idade, em que o fisco inventa por dia uma duzia de tesouras para tosquiar a misera lã do contribuinte, a guerra á sciencia deve reconduzir-nos á barbarie. Assim, mataremos o saber e tambem a alfandega—com a mesma cajadada. Que grande triunfo... de estupidez!

* * *

COM belo desenho de Roberto Nobre, a ilustrar-lhe a capa, publicou Assis Esperança uma tentativa em 1 acto de teatro regional a que deu o titulo de *Noite do Natal*.

Vem precedida dum estudo critico em que o seu autor explica a genese da sua peça e as razões que o levam a estimá-la, apesar de já num concurso ter sido vitima da justiça dos homens.

A *Noite do Natal*, que tem movimento e inspiração dramatica, sobe ámanhã á scena no Salão Foz. Que o publico se não esqueça de a ir apreciar, tanto mais que nela ha qualquer coisa de enternecidamente português que faz dela uma esplendida paisagem, iluminada pelo sol do Algarve.

* * *

ESCREVEM-NOS:

«O partido novo, moderado nos seus processos politicos, resolveu denominar-se *nacionista*. Há quem, apenas por motivos de significado politico, não veja bem o titulo. *Nacionalista*, no sentido menos complicado do termo são todos os partidos da Nação. *Nacionalista*, sob o novo ponto de vista do conceito politico estabelecido á roda daquela designação, são os partidos que visam fazer uma politica demasiadamente integrada nos principios conservadores, fechados a um criterio estreito de nacionalismo intolerante, á sombra do amor sagrado da Patria. O *nacionalismo* é uma ideia que as nacionalidades aproveitam nos seus periodos de crise grave, alarmante. Não é esse o caso de Portugal, nem revelar essa crise é o intuito dos antigos partidos liberal e reconstituinte. Pode v. conseguir que algum politico o elucide acêrca da rasão da escolha feita? — *Um amigo do novo partido.*»

* * *

ENCONTRA-SE á venda o n.º 5 dos *Fantoches*, por Rocha Martins. Sumario: *O Entrudo Desmascarado; O ministro da Agricultura enguliu a joia rara?; Como bandidos podem gosar a liberdade, Os Novos ricos no Tavares rico; A Bisbilhotice Lisboeta; A Monumental folia ou Monumental Rolêta.*

* * *

ADELINO de Palma Carlos, no seu livro de versos *Brumas Doiradas* revela a sensibilidade dum poeta, mas um poeta que com toda a compostura sai da fase de inocencia. Vive absorvido na adoração da mulher a quem consagra a sua musa, com o gesto de quem oferece um presente real.

* * *

O conselho de ministros reuniu-se hoje na secretaria das Colonias, começando a sessão pelas onze horas e durando até horas adiantadas da tarde.

Em Paris

Homem Cristo, filho

Os jornais de Paris e particularmente o «Figaro», o «Gaulois», o «New York Herald» e a «Comoedia», relatam longamente a ultima recepção dada em Paris pelo sr. Homem Christo, Filho e sua esposa nos seus elegantes salões do Boulevard Haussmann.

Assistiram ao jantar que precedeu a recepção: o sr. Luiz de Sousa Dantas, embaixador do Brasil em Paris; Madame Duca, esposa do ministro dos Negocios Estrangeiros de Romania; o sr. Marquez de Faura, ministro conselheiro da embaixada de Espanha em Paris, e a Marqueza de Faura; o sr. Antonesco, ministro da Romania em Paris e esposa; o sr. Lazare Weiller, senador da Alsacia e esposa; o sr. Marcel Jounouilhoux, deputado, director da «Petite Gironde» e esposa; o Marquez Boni de Castellane, Madame Felix Decori, viuva do antigo secretario geral da presidencia da Republica; o sr. Homem Christo, Pai; o sr. Conde de Monsaraz; o sr. José de Sousa Dantas, consul do Brasil em Paris; Madame Crombac de Swarte; o sr. Gabriel Alphaud, director da «Comoedia» e esposa; a Condessa Hocquart de Turtot.

O programa da brilhante «soirée» compreendia: melodias russas cantadas por Madame Hausner, o violinista Herbé, poesias de Musset por Madame Madeleine Roch, da Comedia Francesa e dansas tradicionais pela celebre Natacha Trouanowa, primeira bailarina dos antigos teatros imperiais da Russia.

Entre as pessoas presentes: o ministro do Uruguay sr. Juan Carlos Blanco; o mais antigo membro do corpo diplomatico da America latina, o Marquez de Peralta; o conselheiro da legação da Suecia e a Baroneza Beck Friis; o ministro do Peru, sr. Cornejo; o ministro da Bolivia, sr. Aramayo; o conselheiro da legação da Romania, sr. J. Stoicesco e esposa; o almirante Degouy; o Marquez Stiozzi Ridolfi; a Marqueza de Amodio; o Conde de Rosen, secretario da legação da Suecia e esposa; o pintor Brunelleschi; a escritora Madame Jehan d'Ivray; o sr. Gaston Rageot, presidente da «Association de la critique»; o sr. Raymond Lécuyer, redactor literato do «Gaulois» e a romancista Madame André Corthis; o escritor A. T'Serstevens; o general Conde e Condessa Ignatieff; o sr. José de Figueiredo, director do Museu de Belas Artes de Lisboa; o escritor Pierre Mille e esposa, Princeza de Mésagne Estradère; o deputado Jean Hennessy; o sr. J. H. Rosny Aíné da Academia Goncourt e esposa; Madame Hélène Porges; o sr. Paul Gérard West, do ministerio dos Negocios Estrangeiros e esposa; o sr. Sabbag Bey, director para o oriente do Banco de Paris e dos Paises Baixos; o sr. Edmond de Lassus, procurador da Republica e esposa; o sr. Etienne Fournol, antigo comissario geral da propaganda; o sr. Gadala e esposa; M.me Marguerite Herleroy, da Opera; M.elle Constance Maille, da Comedia Francesa; o sr. René Worms, do Conselho d'Estado e esposa; o antigo deputado Lucien le Foyer e esposa; o celebre autor dramatico Tristan Bernard, e esposa; o sr. Gabriel Cognacq e esposa; M.elle Madeleine Roch da Comedia Francesa; o sr. Louis Dumur, o autor de *Verdun* e de *Nach Paris;* o sr. J. Valmy-Baisse. e esposa; o sr. Caubert de Cléry; o sr. P. Chanlaine e esposa; o sr. R. Canudo; o sr. Ed. David; o dr. Binet Sanglé; M.me van der Hoeven Renault; M.me Brugière; M.elle Gladys Maxhanse; o sr. Fernand Laudet do Instituto e esposa; o sr. A. Pottier; M.me G. Duguet; o sr. Paul Mayer e esposa; o sr. Alfred Machard e esposa; o dr. de Marville e esposa; o sr. Charles Namur e esposa; o sr. Jean Rapoport e esposa; M.me Demange-Barrès; o sr. F. de Miranda Gomes; o dr. Allendy e esposa; o sr. Jean Psichari, director da Biblioteca Nacional e esposa; o Visconde e a Viscondessa de Buysieulx; o sr. Garcia Calderon, anetigo ministro do Peru; o sr. Fernand Mazade e esposa; o sr. A. Sinet; o sr. Rafael Alducin, director do «Excelsior» do Mexico e esposa; o sr. Zerega Fombona; o capitão Gagneur; o sr. Ridel e esposa; o sr. Hanus Jelinek, conselheiro da legação tchecoslovaquia e esposa; o sr. C. de Castelo Branco; M.me René Bizet, M.me René Richard, etc.

Cinema Condes

As proximas estreias—«Vida de um rapaz pobre»—«Intolerancia»—«As Mil e uma noites»

Passado o Carnaval reentra o Cinema Condes na serie das suas exibições de arte, das quais a primeira se estreia já nesta sexta-feira e é um explendido «film» extraido do celebre romance «Vida de um rapaz pobre», para reaparição da celebre actriz Pina Menichelle. Na 6.ª-feira seguinte estreia-se o mais sensacional «film» dramatico dos ultimos tempos—«A Intolerancia», revista historica de todos os crimes e todas as lutas que a intolerancia politica e religiosa tem praticado. A seguir exibir-se-hão os contos arabes das «Mil e uma noites», maravilha de graça e fantasia.

DOS VELHOS LIVROS

O Carnaval ha 134 anos

Um quadro de folia alfacinha

Partidas aos galegos e ás sopeiras

O nosso bom povinho, sempre amigo de foliar, não era só no Carnaval que se entregava ao prazer de percorrer ruidosamente as ruas, empulhando este, esguichando aquele, cantando e dançando, ora só, ora em grupos e cégadas. Tambem os nossos avós achavam tempo azado para isso o sábado de aleluia, a serração da velha, e o dia e noite de S. João. Ainda nalguns pontos do país é êste último dia o escolhido para dar largas aos folguedos carnavalescos, havendo nalgumas terras, como por exemplo Braga, danças e musicas especiais e tradicionais, cavalgadas, corridas, etc.

Ora a 1.ª parte dum folheto de cordel que adquiri há anos na Feira da Ladra pela quantia «fabulosa» dum pataco, dá-nos um pequeno quadro do que seriam as entrudadas em Lisboa no último quarto do século XVIII. Chama-se o anónimo e bem humorado folheto *Serração da Velha*, e no sub titulo, em verso, como todo êle, anuncia

«Os enganos da córja dos patetas,
Que engolem neste tempo muitas petas;
Cahindo em lograções por varios modos,
Para chacota, e rizo de nós todos:
Divertimento alegre, e mui precizo
Para toda a pessoa de juizo.»

Esta edição que possúo, (e certamente não é a primeira) foi impressa em Lisboa na Oficina Patriarcal de Francisco Luis Ameno, no já remoto ano de 1789.

Do que seja a função que dá pelo nome de *serração da velha* falarei no seu dia proprio, transcrevendo tambem a parte da brochura que se lhe refere.

M. Cardoso Marta

He o tempo chegado, á lerta, á lerta,
Trate de recordar-se a gente esperta
Para o ópio annual destes calouros
Que se nutrem de petas, e de agouros,
Carregados de bancos, e de escadas,
As costas offerecendo ás arrochadas.
Do mesmo modo a tosca Cozinheira,
Que vem da sua Aldêa delampeira,
Nesta turba fatal, he mui precizo,
Que nos dê mil assumptos para o riso,
A que tiver de si grande vaidade,
Com presumpção de mais sagacidade,
Por estudada idéa, bem urdida,
Lhe seja a carambola introduzida,
Que cahindo depois nesta esparrella,
Tomem logo os rapazes posse della,
Sem cessarem jámais de a apupar,
Emquanto em alta voz não confessar,
Que lhe peza mui pouco a sua bóla,
E que cahia no ópio (1) por ser tolla:
Que nas mulheres estas confissões
São peiores que as febres nas sezões.
Ao Gallego que for inda taréco (2),
E que não perdoar por letra ao Méco,
Lhe daraõ logo a pósse d'hum banquinho
E depois de correr largo caminho,
Ficando da funçaõ desenganado,
Seja logo na cara enfarruscado.
A groza das Criadas lambisqueiras,
Faráõ opposiçaõ logo ás cadeiras,
E pela progressaõ do seu discurso
Lhe seráõ dadas estas em concurso;
Logo lhes chamaráõ Cabelleireiras,
Dos que houverem na róda mais bregeiros,
A murros penteando-lhe as cabeças,
Para a gente dizer: que belas peças!
E dando-se depois já por canegadas,
Pelos rapazes sejaõ esgadelhadas.

A corja marotal dos tamanhões,
Sem mais tirte, nem guarte, ou dilações,
As costas lhe carreguem com escadas,
Das que poderem haver mais desmascaradas.
Naõ lhe faltando nunca d'ante maõ
A cassoleta, o murro, e o cachaçaõ,
E depois de já estarem bem massados,
Os seus rostos lhe sejaõ basculhados
Com vassouras em varas espetadas,
Da imundice das ruas encharcadas.
Os que nos outros annos já cahiraõ,
Naõ contem nada a estes do que viraõ,
Nem os trances tambem, que padeceraõ,
Quando com estas petas se meteraõ;
Porque para tecer bem este enredo,
Toda a alma do negocio he o segredo.

Mas se a lingua tirar algum do saco,
Lhe façaõ logo as ventas em tabaco.
Os rapazes, que forem mais ladinos,
Logo das suas linguas façaõ sinos,
O povo do lethargo despertando,
A todos os brejeiros convocando;
E das lojas garotos aprendizes
Tragaõ de sua casa almofarizes,
E com tachos, bacias, e chocalhos,
Chuços, lanças, pinceis, canas e malhos,
Fazendo tudo andar em viva roda,
Causem summo prazer á gente toda.
As ruas sejaõ em alas guarnecidas,
Por estas bandalhices referidas,
Illuminadas todas com cem luzes,
Com que se possaõ ver estes lapuzes,
Que saõ comediantes de tal scena,
Deste Drama asneiral, que o mundo ordena.
Acabado este passo, lhe encarrego
Hum desconforme, e vil desasocego,
Suas acções dispondo em tal estrea,
Com que se acabe a festa na cadea;
E proseguindo entaõ novas asneiras,
Nos dem pela manhã grade de Freiras (1).

A gente d'outra classe, e recolhida,
Naõ deve andar envolta nesta lida,
E para se livrar d'alguns desdouros,
Do seu alto pálanque veja os touros;
Porque a tal patuscada como esta
Naõ deve hum pai levar a filha honesta
Pois a vai sujeitar a muito prigo,
Que eu já presenciei, e que naõ digo:
Quanto mais que merecem mil carolos
Os pais que fazer querem os filhos tollos;
Sem nunca distinguir-lhe o bom, do máo,
Quando lhe diz algum: paga patáo.

.... segundo hum tal dedo me adivinha,
Que nestas coisas he hum tanto esperto,
Tenha toda a caterva hoje por certo,
Que se a funçaõ se armar por este modo,
Sem mais tirar, nem pôr, o rancho todo
O havemos de ver como em charola
A tasquinhar arpista (2) na gaiola (3).
Mas venha o que vier, seja o que fôr,
Naõ ha mal, que naõ haja outro peior.

(1) Pela, cilada, partida.

(2) Novato.

(1) Gradeamento duplo, que no locutório dos conventos separava as freiras do publico. Aqui, por extensão, significa paira, jogos de espirito, chocarrices, e versalhadas que lá se permitiam em certos dias.

(2) Alpiste.

(3) Isto é, ir parar á cadeia.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Filomena de Melo Peixoto de Aragão, D. Maria Tereza Manuel do Amaral Berquó, D. Joana Van Zeller, D. Conceição Pizarro, D. Sofia da Gama Berquó e D. Maria Emilia Cabral Parreira.

E os srs.:

D. Antonio Eliseu Macedo de Portugal e Castro, Antonio Francisco Xavier de Sequeira, Francisco Brandão Figueiredo de Faria, Antonio de Araujo Leite de Castro, Eugenio Maria Rollin Geraldes Barbas e os nossos colegas na imprensa Machado Correia e Jaime Vitor.

Festa de homenagem

Em vista de se realizar na noite de sexta-feira, no teatro de S. Luiz, a festa de homenagem da empreza Armando de Vasconcelos aos seus cronistas mundanos e nossos colegas de redacção srs. Carlos de Vasconcellos e Sá e Carlos da Mota Marques, a empreza do teatro de S. Carlos resolveu não dar espectaculo nessa noite, concorrendo assim para que a festa revista mais brilhantismo.

Representa-se pela ultima vez a lindissima e fina opereta alemã «A ultima valsa», um dos grandes exitos desse teatro.

A troca dos bilhetes provisorios pelos definitivos, de balcão e «fauteuils», termina impreterivelmente ámanhã, quinta-feira, 15, das 11 da manhã ás 7 da tarde, por isso os homenageados pedem a todas as pessoas o favor de os trocarem.

Pontos de reunião

Agenda

A'manhã, a nossa sociedade elegante dará «rendez-vous», de tarde, nas tradicionais «matinées» do Chiado Terrasse e do Cinema Condes e, á noite, na recita da moda do Eden Teatro, onde mais uma vez se representa a chistosa revista «Tiro ao alvo».

Nos salões

A festa realizada no palacete da Quinta das Galvanas, gentilmente cedido pela senhora D. Maria do Rosario Silveira do Amaral, foi em verdade, uma bela festa d'arte e elegancia. Muito embora a quadra fosse propicia á brincadeira, ela merece e é digna de assim ser classificada. Desmentiu ela os maldizentes que propalam que a sociedade não vê senão futilidades e despresa a cultura da inteligencia. A festa foi uma homenagem ao culto espiritual.

O Entrudo pairou hela, mas nas propoções de mais fazer realçar as caracteristicas de verdadeira finura e inteligencia. Os seus promotores conseguiram o seu fim: uma diversão longe de quaisquer vaidades e espalhafatos. Até talvês os contrarie vêr esta noticia, mas ha deveras jornalistas indiscretos.

Teve a primeira representação a revista «Cá e Lá» original de Alvaro Lima e Fernando Tavares de Carvalho.

E' um alegre passatempo ao qual não falta critica, chiste e fantasia. O primeiro que é um escritor e critico dramatico estava no seu papel, da delicadesa poetica do segundo se confirmam. E bem representado por amadores, que mais pareciam profissionais na vida, sinceridade e intuição proprias; um grupo de lindas meninas da sociedade deram todo o realce á produção, onde brilha a alma dum poeta e a ironia dum comentador. Na peça de «Cá e Lá» entraram as senhoras: D. Margarida Iglesias de Oliveira, D. Maria Luiza de Oliveira, D. Maria Luiza Macedo, D. Marta Leite Souza, D. Virginia Lima, D. Clotilde Nevoa, D. Irene Nevoa, D. Maria Helena Vaquinhas de Carvalho, D. Maria Luiza Ravara e os senhores: Carlos de Sousa, Marques Pinto, José Clemente Leite, Vargas Moniz, Bastos Sousa, Manuel Colares Pereira, M. Tavares de Carvalho, Vitor Neves, Antonio Pedro Sampaio e Armando de Almeida.

A «mise-en-scene» do dr. Mario Tavares de Carvalho é das mais felizes e confirmam o seu talento em materia diferente daquela em que considerado. A musica da senhora D. Maria da Luz Vasa de Andrade, de Fernando Tavares de Carvalho e H. Madureira é boa e de «virtuosis» A excelentissima senhora D. Celeste do Amaral Tavares de Carvalho vestiu a peça com uma indumentaria do mais fino gosto. Os scenarios eram de Reis filho e Alvaro Lima foi ensaiador.

Foram todos estrepitosamente aplaudidos pela selecta assistencsa; os interpretes tiveram de bisar quasi todos os trechos. A alegria, o riso eram enormes.

As senhoras D. Margarida Iglezias, D. Virginia Lima, D. Clotilde das Neves e D. Fernanda Vaquinhas cantaram e representaram muito bem: os «couplets» melhor os não diriam artistas: o «Sapato sandalia», o «Garoto de jornais», a «Criada», o «Sapato de trança» provocaram entusiasmo; a «Educação moderna», a «Educação antiga», tiveram nas senhoras D. Maria Luisa de Macedo, D. Clotilde Neves e em D. Helena Vaquinhas finas interpretes. Carlos de Sousa foi um «Se calhar» (compère) alegre, engraçado. Vargas Moniz um Amadeu Camacho, do teatro normal; Marques Pinto, Bastos Sousa, «Pãosinho a envaidecer»; Mario Tavares de Carvalho, «Dansa moderna»; José Clemente Leite, a sesta e Vitór Neves em «Condutor do electrico», que conduziu bem. Todos mostraram intuição. Um trabalho de amadores, mas «virtuoses».

A sala resplandecia. «Toilettes» elegantes e formosos rostos. Depois houve animado báile até ás 5 da manhã a um serviço magnifico da pastelaria «Primorosa». Cerca de 250 pessoas tiveram a honra e o prazer de assistir a essa bela festa em que se patentearam as qualidades patricias e de gentilesa das ex.mas filhas da senhora D. Maria do Rosario Silveira do Amaral.

—Na quinta-feira gorda um numeroso grupo de mascaras fez um assalto a casa do sr. dr. Alfredo Vitorino Vieira e de sua esposa a senhora D. Alda Maria da Cunha Vieira. Improvisou-se um animado baile que durou até ás 8 horas da manhã, tendo sido servido pelas 2 horas uma finissima ceia. Os donos da casa foram incansaveis de amabilidades.

COLISEU DOS RECREIOS
SABADO—17—SABADO
Estrela de uma nova, sensacional e surpreendente COMPANHIA DE CIRCO

"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.°—RUA AUGUSTA—70, 2.°
TELEF. C. 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

AGUA CAPIL RAINHA DA HUNGRIA ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA LISBOA PO D'ARROZ CARMINETA
PEÇA-OS EM TODA A PARTE

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

TEATRO SÃO LUIZ
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 18 DE FEVEREIRO
MATINÉE, ás 3 horas da tarde
9.° CONCERTO DE ASSINATURA
da Orchestra Synfonica Portugueza
Grandioso Festival Wagneriano
em Festa Artistica
do maestro PEDRO BLANCH
PROGRAMA
1.ª PARTE—I—«Maestros cantores», ouverture.—II—«Parsifal, Encanto da Sexta-feira Santa».—III—«Rienzi», ouverture.
2.ª PARTE—IV—«Faust», ouverture—V—«Tristão e Isolda», preludio do 3.° acto, corne inglez, solo professor A. Cruz—VI—«Parsifal, Marcha dos Cavalleiros do Graal», (1.ª audição)—VII—«Tauhauser», ouverture.
3.ª PARTE—VIII—«A Walkyria, Despedida de Wotan e o fogo encantado»—IX—«A Walkyria, Cavalgada das Walkyrias».
BILHETES Á VENDA

LITERATURA

SANTO ENTRUDO

CONTO

POR VITORINO NEMESIO

Esfregou os pés no capacho, subiu a escada e entrou na sala:

—Dão licença? As senhoras dão licença?

Ora se davam! Era em casa das Procópias, que sempre gostaram de mascaras, mormente a mais velha pelando-se por arrodeá-las de preguntas, com a luz na mão, e vêr se com manha, alguma caía na tolice de se pôr mesmo a descoberto. Mas com o Pescante escusavam de se esfalfar—mal vinha ao saguão, matava-se. Já pela voz, que caía nos ouvidos nem torrõezinhos de açucar, esganiçada e menineira; já pelos ademanes tão não-me-toques que usava; já por tudo, nem ficando atrás a altura de tôrre e a magreza—Pescante não se prestava a disfarçar o seu todo, nem queria isso. Emascarava-se, porque sim! A' uma, porque isto são dois dias de vida que é bom alegrar de vez em quando—leve o Diabo as penas!—A' outra, e razão mestra, por via daquele seu desejo de ser mulher á viva fôrça, com peitos altos e quadris, perna gôrda, e a face do rosto pelada como um destes pêcegos de sumo. Era uma exquisitice? Deixá-lo! o que o berço dá, a cova o tira; e aquilo, de mais a mais, não era pitafe que desmerecesse num homem, desde que fôsse bem ensinado e tivesse respeito ás pessoas. Disso ele gabava-se de papo: viessem-lhe á mão e lhes diria.. A Praia toda, desde a ribeira á gente rica, punha as suas mãos sôbre o fogo ementes não dessem crédito á boa criação do Pescante.

Só os pedaços de garotos desses madraços pescadores, esses reles—que aquilo eram mais baixos que a propria lama da rua—pegavam com ele no caminho, ás vezes sem mais alta pregunta:

—Oh Pescante, dá cá o pé! Dá cá o pé, meu loiro!

Ele virava o bico depressa, com uma carêta de nôjo:

—Fedores! Fedorentos!

—Dá cá o pé! Olha o Sevadalo!

Antes se metessem com as desastradas das mães, umas porcas.

Nesse ano, o vestido que marcára daria brado em redol, de sedália, com uma barra côr de vinho bordada de verde e amarelo. O cós era de renda fina a dois mil réis o metro, e só com bisalhos para a blusa. Pescante gastára um dinheirão. No domingo gordo, mal deram trindades na Matriz e acabaram os jogos de cabaças, deixou a dansa do Giesta, que estivera a ver bailar na praça, ao pé da casa da cadeia, plantou-se em casa sorrateiro, abriu a arca—e começou-se a vestir. Tinha chamado o Joanina para o ajudar na labuta pregando os alfinetis de noiva. O pequeno da Emilia estava ali, se fosse preciso alguma volta. E enfiando as calças com entremeios côr de rosa, pôs a saia, calçou as botinas delicadas de abotoadura com vidrilhos e enchumaçou as pernas.

—Hein! Oh Joanina! Nem a D. Fagunda é mais bem feita de corpo...

—Ah aquele, cala-te sequer!

A Joanina dava-lhe beliscões e ria de gosto. Então começou a endireitar a blusa, que era azul e tinha guarnições de veludo, apontou os mitenes até os cotovelos encrespados e pediu a estopa.

—Já?!—Admirou-se o Pescante amanhando ao espelho do tremó uns brincos de tarracha que pedira.—Não achas cedo? Temos tempo.

Mas o Joanina explicava que as coisas se queriam em termos, que só aqueles demonios das Procopias eram umas reparadeiras, e que lá de afogadilho não vestia, ninguem nem um defunto.

—Pensas que não? Pois olha é o que te digo!

Veio a estôpa. A estôpa era para fingir os seios. O Joanina encafuava-a na blusa como quem mete lenha dentro e ia-a dividindo por igual, arredondando. Pôs-lhe o trancelim de *plaquet* ao redol do pescoço muito negro, que besuntou de pó de arrôz. Dois berloques de oiro eram para fechar ao ombro um apanhado de vestido, como um pompão de bambinela. E cuspindo na folha de papel vermelho dum mosqueiro, esfregou-a nas bochechas do Pescante para o fazer córado, ainda lhe deu um geito na barra da saia farfalhuda e mandou-o em paz,

—Pronto.

Duas olhadelas ao espelho convenceram o Pescante da verdade. Ia bom. Além disso tinha a graça do chapeu de canotilho com uma grande rosa verde e a malinha de mão que lhe dava tamanho *gajé:*

—Até logo. Corro duas familias, das finas, e meto-me em casa.

—Olha, não te esqueça o Calabaça, que tambem arrecebe mascaras. Havia de gostar de te vêr...

—Estás tolo?! Se eu me estava asseando assim, para ser achincalhado por esses reles!

Fechou a porta atrás de si com meia volta de elegancia e alevantou as saias com as pontinhas dos dedos. Na rua, nem viva alma—antes assim. Era um entrudo destes chochos. Minado de duas dansas, a do Mestre Miguel e a do Giesta, a gente do monte atravancava as ruas nos dias apegados de pandega, com os bordões altos de arraial, umas caras de tolo espantadas, atirando uns aos outros punhados de areia e de lameiro. Fóra parte, os da harmonica, no domingo, tinham saído com camisões de pastores e cartolas cheias de farinha, tocando á tôa muita moda, com narizes de papelão e pêras de cabelo de milho. De manhã, ao pé dos tanques, a canalha fazia um algaceiro enchendo as seringas de folheta, e o Amadeu, podre de bebedo, com uma vassoura ás costas e a cara pintada de cortiça, desarvorava pelas ruas mais uma cambada de tarecos, com uma gaita de foles e uns ferrinhos. Morrinhento! Era facil acabar de coser a bebedeira, como nos anos passados, metido na casa dos cães pelo Manuel Borges policia. O traste! Bem diziam os velhos que entrudos de agrado, fôra tempo!—acolá divertimentos com geito, dos senhores mais ricos da Praia escanchados nos seus cavalos todos prôas. Agora? Nem era bom falar nisso! Via-se...

Passou a rua da Estrela sem topar um só mascarado; mas ao canto da rua de Jesus deu de cara com um toleirão vestido de pingalheiro. Aquilo fez-lhe ansias. Na varanda do Peludo estava um rancho de sirigaitas sem terem pilheria nenhuma, emborcando quartos de farinha, mancheias de tremoço e cascas de ovo:

—Oh, mascaradinho! Entra, mascaradinho!

Passavam de boca em boca espantadas:

—Olha que é o Pescante.

—Entra, mascaradinho!

Ele aflautou a voz e disse que tornava por ali. Então chamaram-lhe *Zabela*—desavergonhadas!

Mas mais abaixo, passado o canto da presa e a venda do Chico Joareta, saía das janelas do club um toque de piano fanhoso. Aquilo, sim, que era fino! Viam-se os cortinados com fitas de papel de côr e bolas espelhentas no remate, e no ladrilho do açougue, cheio duns brutos embasbacados, de chale ao redol do pescoço, as senhoras do Administrador batiam os pésinhos delicados para entrarem no balho todas frescas. Que luxo! Já uma vez o Pescante vigiara as valsas no sobrado coberto de póses, e vira que os senhorões pegavam nas madamas pela cintura e punham-se a andar de roda em passadinhas salta-poças. O escrevente da repartição marcava uma dança maior, de muitos pares, a modo uma Sapateia, mas fina. E ele pensara até em aprender aquelas artes para fazer o mesmo em casa, quando pagasse a promessa ao Divino, com o contracto de fingir de senhora valsante, já se vê... Dava o beiço e mais alguma coisa, se em vez do feio ganço que era, gargaludo e chupado, a mãe o tivesse botado neste mundo fêmeinha, em saia de baixo branca, com papelotes no cabelo. Teria crescido á roda das mulheres, e então, se fosse rico, teria posses para plantar uma cuia na cabeça e um casquelete de pelucia, aos domingos, para a missa do dia. Assim, macho e graudo, podia, é certo, afeminar-se; mas logo aquela cambada dos garotos lhe saltava em cima aos ditotes, mesmo sem ponta de vergonha:

—Anda para a rua, Maricota!

—Salta ao caminho, D. Engracia!

A casa das Prodópias era um ai-Jesus, tu cá tu lá com elas—demais a mais, gente rica! —e aquelas chicarinhas de chá quebrando o jejum, tão gostosas... Era lá perdido e achado. Sentava-se com elas na esteira, de pernas encruzadas; e o *crochet* deixado entre os joelhos ou a linha da meia correndo no gancho do alfinete ao ombro, largava gaitadas de dentro sacudindo o peito:

—Ai que eu estalo!

Por mão disso, mal lhes entrou a porta na terça-feira de entrudo, foi uma festa: levantou-se tudo para o ver, vieram os candieiros a campo, e a mais moça levou-o logo á cozinha para ele provar das gulodices:

—Tens aqui uma filhósinha. Bota mais calda.

Pescante derretia-se:

—Ai que fastio! Não quero nada, filha. Tira, tira. Que calores!

Tinha levantado a mascara de vêrga e repatanou-se a um canto. Erguendo-lhe as saias, a D. Florinda Procopia dera pelas calças de mulher todas tufadas, com entremeios côr de rosa:

—Isto é que é um cão negro! Até as calças!

—Ele fez-lhe uma coceguinha no braço e riu tambem. Era para que visse:

—Aqui não ha falta de nada. Nunca gostei de coisas feitas á toa, graças a Deus; nem sou para me comparar com esse cacoria do Chico, que qarece uma bisalheira com aquele vestido de senhora. Erva do atalho! Aquele traste!

A Procopia mais moça dava-lhe toda a razão. Mas o Pescante suspirou, deu um *ai.*

—Só tenho pena duma coisa. Uma pena negra!

—Conta-me.

Contou que era um desgosto de morte. O José Rato combinara com ele emascarar-se de casaca, com um chapeu alto emprestado e de vangala. No fim tinha roído a corda:

—Por via da sujidade da esposa, aquele esfregão!

O Rato fôra para a dansa do Juncal, mais a canalhada toda de Traz do Curral, numa carroça. Vira-a de manhã, cheia de guisos, o Joaquim Camarim na boleia.

—Foi pena...—disse a D. Florinda Procopia, delambida.—Havia de ser um par mais engraçado...

—E então que até lhe mercava uma gravata de seda!

De repente, a D. Florinda teve uma lembrança das primeiras. O Luís Taleia tinha-lhe prometido aparecer, tal qual como o Rato, de decalitro na cabeça:

—Vamos lá para dentro. Talvez já tenha vindo...

Com efeito o Taleia lá estava, com umas meias grossas calçadas a fingir de luvas. A cartola era um alma do diabo de um canudo com as abas muito reviradas, já côr de burro a fugir, e a casaca, de verde, parecia esfregada com bosta. Encanastraram-lhe os oculos de arame que tinham caído no chão, e os dois desceram. O sr. Reis, que estava a fumar no saguão, fez umas partes ao Pescante que o fizeram guinchar todo contente:

—Isto é um diabo de um homem! Sume-te!

Na rua, avisou o Taleia que se portasse com remate quando não fincava-se á vela. O outro disse:

—Vais comigo. Já disse que não te assucede mal nenhum.

Deu-lhe o braço. O Pescante enfeitava-se todo quebrando pela cintura e fazendo-se tolo com a cabeça:

—Ai, Luís! que até parece uns noivos!

Iam pela rua de Baixo, e as mulheres, esbruçadas ás portas, segredavam chocalheiras:

—Quem é?

Fiadas de mascarados rotos passavam de arrepelão, gaitejando. Era o Seveta, gorgulho, vestido de velha pedinte; os rapazes do mestre Luís, caras caiadas de farinha, repenicando nas violas desafinadas como um cesto; o José da Anadia—engraçado!—com umas barbas postiças e ralas, o seu guarda-sol como um balaio. E um vento que assoprava, fino, começou a erguer o pó da rua como se fosse numa eira e conhassem. A's vezes, uma baforada mais de geito emplastrava uma mancheia de terra nas ventas do Pescante todo «ai-credo!», misturada com bosta e farinha. Veio chuva. Ele virou-se para o Taleia:

—Que temporal! Lá se me estraga o vestido!

Mas o Luís estava teimoso como um burro:

—E um instante. Entramos no barracão e saimos.

—Ah, aquele! No barracão! Está lá alguem, por ventura? Para o que te havia de dar!

Foram. O Taleia explicou que era só pintar uma graça a uns rapazes que estavam lá dentro petiscando. Coisa de nada. Depois, sempre se provavam sopas fritas...

Ao passarem na Casa do Peixe, a dansa do Giesta tenteava-se para coroar a do Mestre Miguel, e já havia bordões riscando manobras no ar. O José Antonio levara uma cepada no clarinete, que lhe pôs um beiço a escorrer sangue, e altercava com o Pexuga emquanto se ouvia o apito do puxador espremido:

—Vira de bordo! Oh senhores, com licença!

O Luís Inácio mandava:

—Ginga, minha negra! Com todo o desembaraço!

Tem cautela, não te enganes
Neste entrançar do cardaço.

A' porta do barracão das redes, que ficava á borda do mar, rente ao forte, o Pescante teve-se mão e sondou para a banda da areia. Olhou depois para dentro e viu escuro; ao fundo, é verdade que luzia:

—Que é dos homens?

O Luís Taleia calou-se. Puxou-o para dentro e encostou uma bala das de ferro contra a porta. Tinha a partida segura. Há tempos andava com gana de a pregar áquele maricas do Pescante, um prosa que não valia um oição e se punha lá numas alturas! Pois era ali. Ensaiavam ali o rancho das caveiras e estava toda a irmandade lá metida, com as mascaras de mata-borrão de olhos abertos e nariz pintado como em osso. A Maria Mauriça emprestara do hospital um cabedalão de lençois para servirem de mortalhas. E quatro velas de sebo, de casa das Bemtindidas, alumiavam aquilo com uma luz ramelosa que assustava. De primeiro, o Pescante mal descobriu uns vultos brancos que lá para dentro se mexiam. Empeçou em duas mêdas de rede, que ia tombando. Mas logo os vultos, de assentados que pareciam, começaram a erguer-se aos poucos, muito altos, alvos como a cal da parede, embrulhados á laia de sacos numa imitação de camisolas que abanavam. Estavam de costas viradas. Ele procurou o Luís: sumira-se. E viu-se então que nem atirado para o mais profundo dos infernos, entremeio de almas do outro mundo. Os vultos, todos a pé, mostravam entre as pregas do manto uma candeia que corria ao comprido de fitas. Deu um grito:

—Valha-me Santa Tereza! Os estupores!

Largaram a dansar em redol dele, dando as mãos. Alguns zurravam por detraz das mascaras ou berravam como bodes, outros puxavam-lhe pelas saias e picavam-no nas pernas com força. Poucas falas. Só uma gargalhadinha ou outra o punham sem pinga de sangue.

Mas estavam no melhor da festa e já ele ia cobrando alento, percebendo que aquilo tudo não era mais do que graças, cousa maquinada talvês pelo Taleia, fresco para tempo de verão, quando se viu preso pelas costas e virou a cara. Um gançalho dum demonio, com um galho espetado num pau, dera-lhe uma afoiçada no pescoço. Rico trancelim que se lhe ia! Te conjuro! Deitaram-no então sobre as rendas e esfrangalharam-lhe o vestido. O lindo tufo do ombro, que fazia, assim, duas pregas, num apanhado tão bonito, foi ar que lhe deu a um garrote do bruta-montes que o caçara. Varejaram-lhe o chapeu contra um canto. A' mala de mão—secia cousa!—tiraram-lha, os grandessimos brutos, e estraçoaram-na á dentuça. E o feio de pedra do estupor, que tinha um nariz de papagaio, arrancou-lhe a rosa verde e espetou-a na ponta do bastão. Depois malhou-o:

—Santo Entrudo! E' o Santo Entrudo que te manda! Pedaço de Zabela!

Gritou aqui-del-Rei; deram-lhe mais. E perdendo os sentidos sobre as rêdes, na quarta-feira de Cinza deu consigo esbandalhado e moido do corpo como sal—para nunca mais se emmascarar de mulher qor muitos anos e bons.

Vitorino Nemesio

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Carnaval de cinzas

Pompas do Rei Carnaval...
—Para fugir ao Entrudo,
Fecho-me em casa, onde tudo
Tem um aspecto normal.

Da rua, de vez em quando,
Chegam ecos da folia...
—A multidão desvaria,
Toda em farrapos zombando!

Motetes, risos, esgares
E guinchos de selva escura...
—Afflige tanta loucura!
Asas do Demo nos ares!

Fugi de ver. E, agora,
Quero fugir de pensar.
—Houvesse um barco, no mar,
Em que eu fosse barra fóra!...

Anceio Deus. Satanaz
Fala-me, entanto, aos ouvidos.
Tenta acordar-me os sentidos...
—Cheira a cravos, a lilaz!

O que ha de puro em meu peito,
Vai para Deus, sobe em luar...
—Minh'alma é um rio, a espelhar,
Todo o ceu lhe cai no leito!

E o Entrudo passa, passa,
Pelas ruas da cidade.
«Liberdade, Liberdade,
Quem n'a quere? Dou-a de graça!»

E o homem, escravo eterno,
Para ser livre, ao Entrudo,
Sacrifica tudo, tudo...
—Ri-se o Diabo, no inferno!

Ri-se o Diabo, que tenta,
Assim, as almas, no mundo.
—Oh Lisboa, pôço fundo,
Com rugidos de tormenta!

Que é da tua claridade?
As tuas sete colinas?
As tuas manhãs, tão finas,
Como o azul da Imensidade?

E aonde paira, afinal,
A tua alma, oh Lisboa?
—Em motêtes, rindo á tôa,
Responde-me o Carnaval!

Compreendo. Deito o olhar
Para longe. Que lobrigo?
—O Entrudo, senhor antigo
Desta cidade do Mar!

A alma doi-me no peito.
Berra o Entrudo mais forte.
Disfarçada nele, a Morte
Tem um riso contrafeito.

Nas cinzas, que a Dôr espalha,
Vejo, oculto, um claro dia!
—Lá fóra, estulta alegria,
Carnavalesca batalha!

Entrudo! Mas alguem vela...
Uma voz vem revelar-mo!
—Ergue-se a igreja do Carmo
Perto da minha janela!

Pompas do Rei Carnaval,
Não quero ouvi-las, nem vê-las!
—Só quero a luz das Estrelas;
Perto delas—Portugal!

Alves Martins

CRONICA FINANCEIRA

Duas gralhas passaram, na cronica financeira, que publicámos sabado, que merecem rectificação:

Onde se lia:

Conclusão: as receitas do Estado devem regular-se em proporção ao aumento do custo da vida, ou com mais rigor, em relação ao desvalor do poder de coupon da moeda interna.

Deve lêr-se em vez de *coupon* a palavra *compra*.

Mais abaixo, no paragrafo que começa: «Eis duas noções nitidas... etc.», a palavra «externa» deve ser substituida por *interna*.

CINZAS...

O Carnaval dos actores segundo Setta da Silva

Amigamente, quando o Carnaval não era essa miseria que durante uns dias se arrastou por aí, o dia de hoje era aproveitado pelos actores para o seu Carnaval.

—Tiravamos assim a desforra de quatro dias de trabalho, emquanto os outros gosavam.

—Onde se juntavam?

—No *Zé dos Pacatos* e por essas hortas. Nenhum faltava. Brincava-se e bebia-se. Agora...

E a mascara do velho actor Setta da Silva descai, desalentadamente:

—Agora, os actores não perdem um minuto para se esfaquearem...

—O Carnaval do seu tempo...

—Era uma coisa linda. Divertia-se a gente. A parte das ruas era das mais curiosas. As cégadas, com seus versos de pé quebrado, tinham graça. E brincava-se a valer! No Chiado, então, era uma loucura. A propria Guarda Municipal tinha de retirar-se, para evitar conflitos. Uma vez, vi o seu comandante, o Carlos Mascarenhas, um militarão, ficar com um ovo estampado nas costas. Era tudo gente da alta, fidalgos foliões que aproveitavam esses dias para brincar como o povo.

—E viu o Carnaval agora?

—Sim. Saí um bocado.

—Que lhe pareceu?

—Uma desolação. Quando se via um mascarado, a gente tinha de se afastar, para não se sujar. As cégadas, sem graça nenhuma, ordinaronas, simples pretexto para pedinchar, pelas taberas, dinheiro para as bebedeiras de hoje. Ah! aqueles bons tempos da dança da Bica, da luta...

—E nos teatros?

—Nos camarotes pouco se brincava. Só na platéa. Mas depois começaram a vir as «cocottes»...

* * *

Um actor—um actor velho, sobretudo, gosta que lhe falem de teatro, como as crianças gostam de bonecas. O palco representa a sua alma, o seu passado, toda a sua vida...

O actor Setta da Silva entusiasma-se:

—Que saudades eu tenho da minha epoca...

—Ha muito tempo que se retirou da scena?

—Em 1910. Após quasi cincoenta anos de teatro. Estava ainda na posse de todas as minhas faculdades.

—Nesse caso, porque se retirou...

Ha um sorriso, uma hesitação. Por fim Ha um sorriso, uma hesitação. Por fim...

—Antevi o que viria a ser a vida de bastidores, o reinado da intriga, do atropelamento, da navalhada. A familia teatral ia começar a degladiar-se ferozmente, esquecida das suas tradições de camaradagem. Fugi. Preferi isso a ter de sair mais tarde, zangado...

—Dá-se com os seus colegas dêsse tempo?

—Sim. Com todos...

—José Ricardo...

—A esse fui até eu que lhe dei a alternativa, nos «Sinos de Corneville.

E a proposito da opereta, espraia-se em recordações de papeis, de actores, de emprezarios, o «Gaspar», o Guilherme de Aguiar, português residente no Brasil, perante cujas extraordinarias qualidades Antonio Pedro ficou espantado, o conselheiro Palha...

—O teatro, hoje...

—Não o conheço...

—Não vai ver peças?

—Olhe: fui no outro dia a uma. Saí no fim do primeiro acto. Impingiram-me aquilo como «Arroz doce». A mim amargou-me. Vim-me embora.

E baixando os olhos tristemente:

—Hoje não se estudam papeis, caracteres, tipos. Decora-se a letra e papagueia-se. Depois, ha uma invasão de novos actores que esmaga tudo. Emprezarios desconhecidos, actores desconhecidos, artistas saltando de oito em oito dias dum teatro para outro... E a falta de directores de scena? Só temos aí um que percebe daquilo. E' o Augusto de Melo. Ha uma grande inconsciencia que é o principal motivo da «degringolade» do teatro português. E' preciso estudar muito para se ser um bom actor. Após tantos anos de teatro ainda fiquei com muita coisa por aprender...

—Não vê nenhum nucleo de artistas que possa fazer alguma coisa?

—Ha uma tentativa que talvez dê algum resultado: A de Brazão, José Ricardo, Stichini...

* * *

O actor Setta da Silva que foi uma figura marcante na scena portuguesa, quer na opereta, quer na alta comedia, que brilhou ao lado dos nossos maiores artistas, não volta ao teatro:

—Estou alquebrado. Dei uma queda. Depois, não me quero ir meter nesse cahos que é hoje a scêna portuguesa. A não ser como simples consultor, para ensinar aos novos alguma coisa do que aprendi.

Despedimo-nos. E Setta da Silva lá ficou a recordar dos seus tempos gloriosos das pandegas ruidosas pelas hortas, em quarta feira de Cinzas... Cinzas que irreverentemente fomos revolver, despertando nelas a chama da saudade...

Um conflito no Café Colonial

Um homem gravemente ferido

O serralheiro dos caminhos de ferro Fernando Francisco Peliça, morador em Alverca, tendo vindo, com sua mulher, ver o Carnaval a Lisboa, ao passar ontem á noite á porta do café Colonial, foi atingido por um tiro. Nesse momento, travara-se ali uma desordem entre individuos que a policia procura, trocando-se alguns tiros.

O Peliça foi ferido pelas costas, recolhendo em estado grave ao hospital de S. José.

Por uma questão antiga

Homem morto com um tiro

No governo civil, apresentou-se hoje á prisão Carlos Correia, *chauffeur*, morador na rua Lopes, 6, 1.º que declarou ter ferido no peito, com um tiro de pistola, por esta se ter disparado, o irmão da sua namorada, Tomás Jssé dos Santos, morador na vila Lopes, que veiu a falecer no hospital de S. José.

O caso passou-se em Xabregas. Segundo declarações do Santos ao falecer, parece tratar-se de uma questão antiga.

MONUMENTAL CLUB
PALACIO DE S. LUÍS
Comunicado da direcção aos Ex.mos Socios
Ámanhã--Chá Concerto Orquestra Tzigana Fabre

NEGOCIOS...

A CARESTIA DA VIDA E A FALTA DE ESCRUPULOS DOS COMERCIANTES...

Sem duvida nenhuma que os factores da carestia da vida são muitos: depressão da divisa cambial, agravamento das tarifas de transportes, falta de produção, alta de salarios, etc., etc. Mas entre elas resalta, dum modo apavorante, a incomensuravel ganancia de grande numero de comerciantes.

Hoje negoceia-se sem escrupulo, sem consciencia, criminosamente.

Factos de todos os dias e de todas as horas nos provam que se vai perdendo o sistema da lisura em materia de comercio—e mal de nós se esta crise, que se transforma em regra, não fosse confirmada por louvaveis excepções.

Sabemos de sciencia certa o que afirmamos, quando dizemos que se faz negocio duma forma criminosa. E para concretizarmos tanto bastará o relato de alguns casos:

Não ha muito ainda, precisando duma especialidade farmaceutica, fômos a uma farmacia da rua Mundo, pedimos o remedio.

Serviu-nos uma senhora, a quem preguntámos:

—Quanto é?

Um tanto embaraçada, a senhora repetiu ao gerente a nossa preguntа. A resposta foi rapida:

—Dois mil e quinhentos.

Pois a senhora, voltando-se para nós, com certa desenvoltura, disse-nos:

—Três mil e quinhentos.

Fixámo-la; ela corou e nós, pagámos, para não ouvirmos aquele irritante: «Se quere, quere; se não quere, vá-se embora».

Mas a droga custava dois ou três escudos e meio? Nem uma coisa nem outra... Antes pelo contrario. A caixa tinha—vimos depois—a etiqueta de 4.500. Valeu-nos, ainda assim, a senhora que nos serviu não ter dado por isso.

Outro caso, num dos mais importantes estabelecimentos de Lisboa:

De manhã, um par de luvas ordinarias 7.500; um pouco depois do meio dia, artigo igual e da mesma caixa, 10.500.

E agora este:

Na quinta feira um redactor do «Diario de Lisboa» entrou numa casa de fanqueiro da rua D. Pedro V:

—Lenços?

Colocam algumas duzias deles sobre o balcão.

—Trinta escudos a duzia.

—São carissimos e fracos.

Mostra-nos a factura.

Acusa 26.000 por duzia. O lucro do fanqreiro não é exagerado, mas os lenços não servem e o nosso camarada dispõe-se a sair do loja, quando uns algarismos feitos a lapis-tinta chamam a sua atenção.

Nada menos do que três preços, escritos uns sobre os outros: «8.500 a duzia», 16.500 a duzia» e «26.000 a duzia».

LEOPOLDO FROIS

A «Revista de Teatro» oferece na sexta-feira um almoço intimo no Café Tavares, ao actor Brazileiro sr. Leopoldo Frois.

Para esse almoço estão convidados, entre outros, os srs. Francisco Santos Tavares, Augusto Pina, André Brun, Rafael Marques, Clemente Pinto e Carlos Abreu.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 7|32	2 5|32
» 90 d. v.	2 9|32	—
Paris	1 416	1$457
Berlim	1|2	1
Holanda	9 136	9$401
Espanha	3 614	3$719
Bélgica	1:251	1$287
Itália	1 103	1$145
Suiça	4.337	4$463
Suecia	6$122	6$299
Noruega	4$267	4$390
Dinamarca	4$347	4$473
Nova-York	23$088	23 758
Brasil	2$648	2$725
Rio Londres	5 31|32	—
Libra esterlina	110$000	115 00
Agio do ouro	2$300	2 400

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

REVOLTA ?

OS OFICIAIS DO PORTO QUE ESTÃO IMPLICADOS NO 19 DE OUTUBRO

Tem-se levantado grande celeuma á volta dum processo levantado aos oficiais da 3.ª divisão do Porto, por terem apoiado o movimento de 19 de outubro que se iniciou em Lisboa.

O Parlamento já protestou, não só contra o processo como contra as prisões que se vão fazer.

O *Diario de Lisboa* ouviu um dos oficiais implicados nesse movmento, que ontem regressou a Lisboa.

—Então quando é preso?

—Não sei.

—Quantos oficiais vão ter a mesma sorte?

—Como sabe, saiu ha dias uma circular, proibindo os oficiais de darem entrevistas aos jornalistas.

—Mas, nós tomámos o compromisso de não revelar o seu nome.

E, entrando já na entrevista :

—No Porto havia «comité»?

—Não, senhor.

—Como souberam da revolução em Lisboa, se os fios estavam cortados?

—Por uma carta que nos levou um passageiro do rapido de Lisboa, dirigida a um oficial, pedindo para os regimentos daquela cidade apoiarem o movimento de Lisboa.

—Como apoiaram o movimento?

—Saimos do quartel depois do toque do recolher, com as forças devidamente comandadas por todos os oficiais e sargentos, á excepção da do capitão sr. Pires, que não quiz aderir.

—E para onde foram?

—Para a Praça da Batalha, em frente do Quartel General, onde estacionámos.

—De quem receberam ordens para sair com as forças?

—Do coronel sr. Sousa Dias, comandente da divisão.

—Não era o general Sousa Rosa, o comandante?

—Foi até ás 16 horas da tarde do dia 19.

—E depois?

—Fugiu, como sucedeu no movimento de Monsanto.

—A que horas recolheram as forças aos quarteis?

—Assim que tiveram conhecimento da constituição do governo.

—Quem mandou levantar o processo?

—O general sr. Sousa Rosa, a quem o sr. Cunha Leal reintegrou no comando da divisão quando foi governo

—Do que são acusados?

—De insubordinação. Ora, tal se não deu visto não haver desrespeito a superiores. Procurei logo o secretario do sr. Presidente do Ministerio, sobre o assunto. Respondeu-me que o sr. Antonio Maria da Silva estava admirado do que pretendia fazer.

—Mas sempre vão ser presos?

—Já ha ordem para isso.

—E são muitos?

—Eu lhe digo os nomes. Capitão de cavalaria, Belo de Carvalho; capitão de infantaria, Pinto Vilela, (do 31 de Janeiro); tenentes de infantaria, Neves Ferreira Ferraz de Boaventura, Antonio Ferreira Braga, José de Oliveira Belo, (cruz de guerra) e Albano da Cruz; alferes de artilharia, Antonio José Marques Guimarães, José Dias de Carvalho e Antonio Joaquim de Almeida; alferes de cavalaria, Palmeira da Costa; alferes de infantaria, Rodrigues Pardal e Pilar Gomes; Um sargento ajudante, Costa; quatro 2.os sargentos.

Os manipuladores de pão

proçuram ámanhã o chefe do distrito

Estiveram no *Diariô de Lisboa* os srs. José da Costa e Domingos Pereira, da comissão de melhoramentos da Associação dos Manipuladores de Pão, dizendo-nos que o sr. Arlete Pires, da C. I. P. C., se recusou a recebe-los, por não reconhecer a associação de que os comissionados fazem parte, visto a companhia ter uma associação, composta de caixeiros e fiscais, com a qual anda em negociações. Os comissionados dirigiram-se ao governo civil, a fim de darem conhecimento do que se passou ao chefe do distrito, a quem não encontraram, voltando ali ámanhã, para lhe comunicar que a culpa não lhes cabe se o pessoal fôr para a greve.

PORQUÊ?

Vai fechar

ao publico o Jardim da Politecnica

Alguem nos informa: «o jardim botanico da Escola Politecnica vai ser fechado ao publico».

Porquê?

Esse alguem não sabe. Tocamos ao telefone para casa do dr. Teles Palhinha, ilustre director desse jardim, logradouro publico que possue exemplares dignos de um grande museu universal de botanica. O dr. Teles Palhinha, mal humorado, diz:

—Como essas coisas se sabem!

—Então é certo?...

—E' possivel.

—Porquê, sr. doutor?

—Não lh'o posso dizer.

—Porque não pode?

—Porque não dou pelo telefone entrevistas sobre assuntos que não dependem só de mim e não estão resolvidos definitivamente.

Desligou. O Jardim da Escola—sombras frescas e recolhidas, talhões de sensitivas mortas, de «cactus» vermelhos secos do inverno—está fechado ha já quinze dias. Mas nós conseguimos lá entrar. Qualquer jornalista pode ter sido, ou ser ainda, estudante. Um velho jardineiro, operario das rosas e das raises, curvado sobre um vaso octogenario, onde já viveram cem gerações de lichens, é acordado por nós da faina.

—Então isto vai fechar?

—A bem dizer, parece que sim.

—Mas porquê?

—Dão cabo de tudo.

—Mas quem dá cabo de tudo?

—O publico... Os estudantes...

—Ora os estudantes...

—Sim. Não todos. Perdem-se os exemplares mais queridos, aqueles que nós trazemos nas estufas, ao colo como um menino...

O velho operario é ainda—vejam lá!—do tempo em que o jardim era um olival da cêrca do antigo Colégio dos Nobres. Viu nascer as velhas arvores, plantar os bambus, envasar a primeira rosa, estiolar-se a longinqua acacia, que deixou três gerações de filhas.

—Mas então—perguntamos nós e pergunta o leitor—mas então só agora ao fim de tanto ano é que se vê que o publico e os estudantes dão cabo do jardim...

Não respondeu o velho jardineiro. Mas um outro, que se acercára, com ar de filosofo das coisas terrenas, diz:

—E' que tudo vai de mal a peor. O publico é hoje peor do que nunca. Não tem respeito nenhum. E os rapazes... Nunca houve rapazes como os de agora...

—Quere dizer que desceu o nivel mental da rapaziada e do publico...

—Isso...

—E é por isso que vai fechar o jardim?

—Pois, senhor—voltou a dizer o primeiro—dão cabo de tudo. E' um dó de alma. Se eles soubessem o que custa realizar o milagre de uma côr assim... assim como esta.

E indicou um exemplar, de um verde esmeralda palido, como uma lasca arrancada viva á rocha.

Certo, pois, o jardim vai fechar. Por muito tempo?

POLITICA DAS ESQUERDAS

O NOVO PARTIDO RADICAL

TERÁ COMO PROGRAMA o do movimento do 19 de Outubro

Encontrámos, esta manhã, na Brasileira do Rocio o dr. José de Macedo, secretario do directorio do partido Radical. O politico sorvia o seu ultimo gole de café. Tinha já o seu inseparavel charuto a arder.

—Quando faz o partido Radical uma revolução?—preguntámos ironicamente...

—O partido radical não quer atacar ninguem, quer defender a Republica.

—A Republica periga?

—E' preciso republicanisar a Republica. O que aí está é monarquia.

—O dr. está hoje pessimista ...

—Cria que não. Então não estamos assistindo aos mesmos processos de governo adotados pela monarquia; os mesmos caciques, os mesmos vicios e os mesmos erros? Isto não póde continuar asim. A magistratura é monarquica; o exercito é monarquico; o professorado é monarquico. Uma Republica que tem estas tres funcções desempenhadas por inimigos não póde perdurar; morre mais tarde ou mais cedo.

—E os outros partidos?

—Os outros partidos têm gerais responsabilidades nos descalabros em que o país se encontra. Os grandes homens de Estado estão enfeudados, na grande maioria, aos altos potentados financeiros.

—Quando se realiza o congresso?

—Para o mês que vem. Já se estão elaborado as teses.

—Quem são os relactores?

—Devem ser escolhidos na proxima reunião do Directorio, ainda esta semana, mas a lista vai completar-se e o país verá como o partido Radical resolve a salvação do país.

—Tem recebido muitas adesões?

—Não calcula. Oficiais, professores, exministros, juizes, jornais das provincias, centros republicanos, etc.

—Recorda-se de nomes de politicos em evidencia?

—Só depois do congresso é que os seus nomes veem a publico.

—Toda a gente póde entrar para o partido?

—Desde que sejam republicanos honestos e não pertençam á alta finança. Temos registado muitas adesões.

—Qual é o programa do partido?

—O do 19 de outubro, e parte do programa do partido socialista.

Pelos teatros

A Ribeyrinha

A acção da peça de João Corrêa d'Oliveira e Francisco Lage, «A Ribeyrinha», em ensaios no teatro Politeama, desenrola-se no primeiro quartel do seculo XIII, sendo a figura que lhe dá o nome a famosa amante de Sancho I, Maria Pais da Ribeyra. O episodio historico que inspirou os dois dramatargos, vem contado no «Nobiliario» de D. Pedro, tendo tentado já varios dos nossos escritores de teatro; pela indole extranha e misteriosa dessa mulher em que se dirá sintetisada toda a perfidia da idade media.

A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, não se tem poupado a trabalhos e sacrificios para pôr em scena este original português, por forma a torna-lo um grande sucesso de arte.

Conferencias literarias

No Salão Nobre do Teatro Nacional realiza-se amanhã á tarde a inauguração da serie de conferencias que serão efectuadas por ilustres escritores e poetas da nossa terra. Será conferente a ilustre poetisa D. Branca de Gonta Colaço, que escolheu para tema da sua dissertação o titulo «Nós outras, as poetizas», Muitas senhoras da nossa melhor sociedade e homens de letras, darão «rendez-vous», amanhã, no Salão Nobre do Nacional.

A entrada custa 2$50.

Atrás do reposteiro

Um grupo de amigos do actor Samwell Diniz tencina levar a efeito, ainda este mês, no Teatro Politeama, uma recita para despedida deste artista que brevemente parte com a companhia Palmira Bastos para o Brasil numa longa «tournée».

—A acção da alta comedia «A Verdade», original de João Corrêa de Oliveira e Francisco Lage, que em breve vai ser representada pela companhia Lucilia Simões, passa-se num solar da Beira Alta, apenas entre quatro personagens, interpretrando Lucilia Simões, e Erico Braga, os dois principais papeis.

—Deve subir á scena, no proxima semana, no Eden-Teatro, a opereta «O Fado».

—O opere «Sigfried» deve representar-se pela primeira vez no Teatro de S. Carlos, no proximo domingo.

—No S. Luís hoje e ámanhã não ha espectaculo, em virtude da companhia ir a Setubal dar duas recitas. Depois de ámanhã realisa-se a festa de homenagem aos cronistas mundanos com a ultima representação da opereta «A Ultima Valsa» e sabado volta a representar-se «A Mascotte».

—Com a revista «Ao Deus dará...» faz ámanhã a sua festa no Teatro Apolo a gentil actriz Julieta Simões.

—A peça «Os fidalgos da casa mourisca» que deve subir á scena no proximo dia 22, no Teatro Apolo, para estreia da companhia José Ricardo foi estraida do romance de Julio Diniz por Carlos Borges.

—No proximo sabado realisa-se no Coliseu dos Recreios a estreia de uma nova companhia de circo. Ao que nos informam, é a melhor companhia que tem ido ao Coliseu nesta temporada.

—O concerto anunciado para domingo, no Teatro Politeama, pela Orquestra Sinfonica de Lisboa, da regencia do maestro Fernandes Fão é consagrado á memoria do saudoso David de Sousa.

—Maria de Lourdes Cabral tomará parte na festa do actor Mario Campos que se realiza no dia 20, no teatro S. Luís.

—A'manhã, em beneficio do actor Eduardo de Freitas, devem representar-se no Salão Foz, as peças «O Barão de Sarilhos» e «A Noite de Natal».

—A festa de homenagem ao secretario da empresa do teatro S. Lúis, sr. Luís Cardoso, realiza-se no dia 23 tomando parte no espectaculo varios artistas do teatro S. Carlos.

—A actriz Alda Rodrigues faz a sua primeira festa no teatro Salão Foz no dia 17.

—Hoje só há espectaculos em dois teatros: Eden-Teatro e Avenida, respectivamente com as peças «Tiro ao alvo» e «Papão».

POLITEAMA ÁMANHÃ

OUTRO EU

Com duas marteladas na cabeça

Homem em estado grave

Ontem á noite deu-se na rua Ferreira Lapa, uma scena de sangue. O sapateiro José da Graça agrediu o seu hospede, Adelino do Nascimento, caixeiro de uma casa de vinhos daquela rua, dando-lhe duas marteladas na cabeça, saindo-lhe a massa encefalica. O motivo foi uma questão que no domingo haviam tido na referida taberna.

O Graça encontra-se preso nos calabouços do governo civil e o ferido está em estado grave no hospital de S. José.

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

TOSSE
CURA RAPIDA E SEGURA COM AS PASTILHAS DE
DR. ANDREU DO BARCELONA
a maior parte das vezes desapparece a tosse ao concluir a primeira caixa.
A venda as Pharmacias e Drogarias

DEPOSITARIOS GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS
GIMENEZ-SALINAS & C.ª
9, Rua Nova da Trindade, 1.°—LISBOA

BOAS MOBILIAS
Antiga marcenaria do Desterro
Exposição permanente para venda directa ao publico por preços do fabricante e seu proprietario
Manuel Filipe da Silva Junior
Variado sortimento de mobilias em todos os generos, o que se fabrica de mais solido confortavel e chic.
Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.
Maples cobertos em pele verdadeira de varias côres
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Uma visita a titulo de curiosidade e confronto
Rua do Desterro, 17 a 29

Sociedade Industrias e Adubos, Lim.da
Rua Augusta, 193, 1.°
LISBOA

Para os devidos efeitos se anuncia que todas as operações referentes a esta sociedade se tratam a partir de hoje na séde da sociedade com o signatario, pagando-se igualmente todos os debitos vencidos.

Lisboa, 12 de fevereiro de 1923.

FRANCISCO GAVAZZO PERRY VIDAL.

NÃO COMPRE OS SEUS FATOS sem pedir amostras
AOS FABRICANTES
ROSA & IRMÃO
COVILHÃ

Se tiverem mercadorias a expedir para França, empreguem os vagons da casa V. DUBOC, 15, Rue Beaurepaire, Paris, que vão directamente de Lisboa e Porto a Paris-Ivry sem transbordos nas fronteiras espanhola ou francesa. Assegurareis assim um serviço rapido, e as mercadorias não ficarão sujeitas a quebras ou roubos durante a viagem

AOS EXPORTADORES

CORRESPONDENTES:

Em Lisboa: Guerreiro Gala, Limitada — 11, Largo de S. Domingos
No Porto: Empr. de Transportes l'Eclair, L.da — 5, Rua da Fabrica

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 Telegrafo DIFONSO — DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

CARVÃO VEGETAL—COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª Fº
RUA DA COSTA 8, LISBOA.

Salão Aureo
SEMPRE SORTIDO EM CHAPEUS PARA LUTO
246—RUA DO OURO—248
LISBOA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 19 do corrente, e dias seguintes, ás 11 horas, por intermedio dos agentes de leilões srs. Casimiro Candido da Cunha & Sobrinho, Sucessores, na estação desta companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A. n.º 1 de fevereiro de 1920, do artigo 112.º da Tarifa Geral e do artigo 9.º da Tarifa de despezas acessorias, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prasos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatarios, de que poderão ainda retira-los, pagando o seu debito á companhia, para o que deverão dirigir-se á Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias uteis até 17 do corrente, inclusivé, das 10 ás 16 horas.

O leilão realiza-se no novo armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolonia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 1 de fevereiro de 1923.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
Armazem de viveres

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que, até ao dia 8 do mês de fevereiro, se aceitam propostas para o fornecimento de 8 a 10 mil quilos de toucinho, de mil a mil e quinhentos quilos de chouriço de carne de porco, de 150 quilos de chouriço mouro (morcelas) de 200 quilos de chispes e cabeças, de 2.500 a 3.000 quilos de banha nacional, de 500 a 700 quilos de presuntos e de algumas farinheiras.

As propostas feitas em carta fechada, devem ser dirigidas á séde do Serviço da Caixa de Reformas e Pensões dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede, n.º 72, (ao Caldas), Lisboa, onde se informa as condições do fornecimento.

Lisboa, 25 de janeiro de 1923.

O chefe do serviço da delegação
João dos Santos Pimenta.

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

SERVIÇO DOS ARMAZENS GERAIS

Concurso para a adjudicação da compra de oleo para illuminação

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 1 do proximo mês de Março pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede n.º 69, ao Caldas, Lisboa, se ha-de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 24:000 quilos de azeito de peixe perfeitamente limpo ou outro qualquer oleo que possa ser empregado na illuminação de carruagens.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito provisorio de 2.500$00.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 30 centavos, devidamente inutilizado.

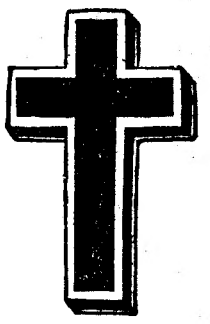
O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio com a quantia necessaria para perfazer 5 por cento da importancia total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um deposito definitivo, que ficará á ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermedio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral de Depositos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio.

Com a proposta será entregue uma amostra não inferior a um litro.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1923.

O ENGENHEIRO CHEFE DO SERVIÇO DE ARMAZENS GERAIS
(a) Feio Terenas



O Engenheiro
José Carlos de Sousa Navarro
FALECEU

Georgina Lopes Navarro e seus filhos; Candida da Purificação de Sousa Navarro; João Carlos de Sousa Navarro, sua mulher e filhos; Antonio Carlos de Sousa Navarro; Catarina Navarro Real seu marido e filhos; Maria Ricardina Navarro Pinto seu marido e filhos (ausentes); Armando Gorjão e sua mulher; Antonio Maria Lopes e familia; Luiz Avelino Lopes e sua mulher cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, filho, irmão, cunhado e sobrinho José Carlos de Sousa Navarro e que o funeral se realizará ámanhã 15, pelas 13 horas, da sua residencia do Largo 28 de Janeiro, 51-5.°, para o Cemiterio dos Prazeres.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NOVAS DE LONDRES

O FIM DA "ENTENTE"?

Bonar Law e as tropas britanicas na Renania

LONDRES, 14

Discursando na Camara dos Comuns, o primeiro ministro, sr. Bonar Law, declarou o seguinte:

«E' possivel que a França ou a Alemanha torne impossivel a presença das tropas inglesas na Renania. Isso seria uma grande desgraça, porque significaria numa larga medida o fim da Entente».

O sr. Bonar Law continúa, porém, a esperar que se dê algum acontecimento que torne possivel que a Inglaterra intervenha utilmente no conflito.—(H.)

O discurso do trono

LONDRES, 14

O discurso do trono diz que, entendendo o governo que não devia aprovar, nem tomar parte na execução do plano franco-belga no Ruhr, sustentado pela Italia, procedeu de fórma a ouvir as dificuldades dos aliados. Lastima que não obstante os esforços pacientes e sinceros, feitos pelos aliados na Conferencia de Lausanne, a delegação otomana se tenha recusado a assinar o tratado; espera, porém, que, melhor informada, a Turquia esteja ainda disposta a aceitar o mesmo tratado.—(H.)

Noticias da Abissinia

LONDRES, 14

Nota-se desusado movimento nas tribus do sul da Abissinia, sobretudo nas de Masai, na fronteira da Colonia de Kenya. Diz-se que esses Indigenas estão fazendo concentração de forças na direcção de Moyale.—(R.)

O «ultimatum» turco

LONDRES, 14

A respeito do novo «ultimatum» turco, o Foreign Office recebeu uma resposta verbal, que é considerada conciliadora.—(H.)

Uma pastoral na Irlanda

LONDRES, 14

O cardeal Logue, primaz da Irlanda, publicou uma pastoral condenando os actos de violencia praticados pelos rebeldes.—(R.)

A OCUPAÇÃO DO RUHR

A ALEMANHA e os paises da Federação

recusam-se a receber censuras á conduta dos seus ministros

PARIS, 14

O encarregado dos negocios da Alemanha entregou uma nota ao governo francês na qual se diz que o governo alemão e o dos paises que compõem a Federação se recusam a receber dos governos estrangeiros imposições ácêrca da linha de conduta dos seus proprios ministros.

O presidente da Republica Alemã foi a Baden conferenciar com o presidente do Estado ácêrca da situação.

Houve um incidente entre a policia alemã e os gendarmes franceses, tendo sido morto um agente alemão e feridos dois gendarmes franceses.

A Associação dos Medicos Alemães recusa-se a prestar serviço aos doentes francezes e belgas.—(R.)

O BLOQUEIO

aos produtos metalurgicos?

DUSSELDORF, 14

Os ferroviarios alemães deverão abandonar o serviço ou trabalhar por conta ou sob a fiscalisação das autoridades de ocupação. Os aliados podem presentemente satisfazer a todas as necessidades dos transportes militares no que respeita ao trafego do carvão. A vida economica será assegurada na medida em que os ferroviarios pedirem para ser novamente admitidos ao serviço. Começou o bloqueio dos produtos metalurgicos. No Ruhr será criado um novo serviço de licenças, analogo ao que existe na margem esquerda; esse novo serviço estudará as derogações e regulamentará as saidas com destino ao estrangeiro, Suiça, Holanda, etc. Ontem partiram com destino á França e á Belgica sete comboios com carvão. Foi descongestionado o porto de Ruhrort, tendo partido para Strasburgo quatro fragatas.—(H.)

A INGLATERRA

está ao lado da França

LONDRES, 14.—Na camara dos comuns o deputado conservador Samuel Roberts disse referindo-se ás reparações: Julga poder dizer que a grande maioria do povo britanico está de alma e coração com os aliados franceses. O dequtado Hughes declarou que é preciso estimular as relações amigaveis franco-britanicas e dar-lhes um caracter mais permanente, visto que as dificuldades com que a Europa se encontra a braços, só podem suavizar-se por uma união intima entre os dois paises. Quando se trata da politica actual da França deve-se ter sempre em vista, acrescentou o deputado Hughes, a grande diferença que ha entre os dois paises sob o ponto de vista geografico e a sua diferença de temperamento.—(H.)

A PAZ

vai ser assinada?

PARIS, 14.—Têm continuado a registar-se varios actos de sabotage nas regiões ocupadas pelas tropas francesas. O general Fournier ameaçou de mandar fechar os armazens e estabelecimentos que se recusam a servir as tropas de ocupação.

O «Vrowaerds» diz que será necessario entrar em negociações e que os socialistas de todos os paises devem exercer pressão sobre os governos para que se assine a paz o mais breve possivel.—(R.)

NOVAS DE ROMA

O FIM DO FASCISMO?

Mussolini lavra o seu grande descontentamento

ROMA, 14

Realisou-se a terceira sessão fascista, sob a presidencia de Mussolini. Aprovou o relatorio ácerca da situação interna e externa. Hoje inaugurará as discussões ácerca das relações com a maçonaria.

Uma comissão mixta fascista e nacionalista, nomeou uma comissão executiva com grandes poderes para se sistematisar a situação dos dois partidos.

Durante a reunião do grande conselho Mussolini exprimiu o seu descontentamento a respeito da perspectiva que apresenta actualmente o futuro fascismo.

A Italia é um arsenal

ROMA, 14

Em Milão foi descoberto um armazem de explosivos. Em varias outras cidades foram descobertos tambem explosivos e armamento. Em Orvieto fizeram-se onze prisões. Em Brindisi, vinte. Efectuaram-se tambem muitas prisões em Ferrara. O propagandista Fortichiari foi preso com 40 comunistas numa sala onde estavam reunidos, havendo na mesma habitação um deposito com onze caixas com bombas, oitenta obuses, cinco caixas com polvora, cincoenta espingardas e algumas metralhadoras.—(R.)

Arde a feira de Trieste

ROMA, 14

Informam os jornais que um incendio destruiu três quartas partes dos pavilhões da feira de Trieste. Os outros tiveram que ser demolidos para limitar o incendio. Calculam-se os prejuizos em dois milhões.—(H.)

A Alemanha e a Italia

ROMA, 14

O presidente do conselho e ministro das Colonias receberam uma comissão holandesa encarregada de estudar o desenvolvimento das relações entre a Alemanha e a Italia.—(R.)

TEATRO SALÃO FOZ

HOJE NÃO HA ESPECTACULO

para se realisar o ensaio geral da comedia burlesca em três actos

O Barão de Sarilhos

que sobe ámanhã á scena conjuntamente com a 1.ª representação da peça num acto

NOITE DE NATAL

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

TEATRO SÃO LUIZ

Sexta-feira, 16

RECITA ELEGANTE

Festa de homenagem aos cronistas mundanos deste teatro Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques.—Ultima representação da linda opereta alemã

A ULTIMA VALSA

A troca dos bilhetes provisorios de balcão e «fauteuils» termina ámanhã

POLITEAMA

EMP. LUÍS PEREIRA—Tel. 3028 N.

C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

ÁMANHÃ ás 21,30

Reaparição do grande sucesso de gargalhada

O OUTRO EU

ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA

Regencia de FERNANDES FÃO

DOMINGO, 18—Concerto extraordinario de homenagem a David de Sousa.

AMANHÃ

Volta á cena no

TEATRO NACIONAL

a desopilante comedia de ANDRÉ BRUN

A VISINHA DO LADO

A peça portuguesa mais engraçada dos ultimos tempos

APOLO Telef. N. 4129

HOJE

Ámanhã, QUINTA-FEIRA—Festa Artistica de JULIETA SOARES—Primeira representação, neste teatro, da revista de Eduardo Schwalbach, musica de Dél Negro e Alves Coelho

AO DEUS DARA'...

em que a festejada desempenha os papeis de «Mofina Mendes», «Vendedor», «Sentimento» e «Flôr de Portugal»

Scenarios de Salvador & Mergulhão e José de Almeida.—Guarda roupa de Jaime Valverde.—Enscenação de Augusto Soares.

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás, 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Fórmigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

AS SUBSISTENCIAS

O PÃO SUBIRA'

AINDA MUITO MAIS

E O QUE SE DISSE?

E' b em para quarta feira de Cinzas uma e ntrevista sobre o pão. O assunto é serio, talvez serio de mais, e os folgue- dos, o s insipidos folguedos deste ano, passara m. O sr. João Luiz Ricardo, da Comissã io da Agricultura, está doente, com grippe. Apesar disso recebe-nos e declara quando tocámos no ponto das suas supos- tas diver gencias com o ministro:

—Nehu as. Divergencias nenhumas. São intri gas lançadas não sei com que proposito ...

—Mas e stá de acordo com a extinção do pão po litico?

—Não p osso deixar de estar. Não ha di- reito de o Estado estar a perder, por dia, 250 contos.

—Não ha , então, a minima divergencia?

—E' preci iso distinguir entre a proposta do sr.. mini stro e o seu «modus-faciendi». A propos ta aprovei a absolutamente. Quanto é m maneira de a pôr em execução é que eu fiz alguns reparos — pois no meu criterio o sr . Fontoura da Costa ia mais longe do que devia ir. A acção da lavoura nacional — embora as ideias do sr. ministro seja m o mais protecionistas pos- sivel, não fi ava suficientemente garan- tda.

—Das emendas á proposta...

—Certamente. Eu não podia ser relactor duma coisa com que não concordava. Absolutamente.. Mas como vê, não se tra- ta de divergencias com caracter malig- no como o de certas doenças perigosas... E o sr.. dr. João Luiz Ricardo sorri.

—Acaba, pois, o pão politico?

—E não deixa saudades.

—Ao Estado. Mas ao consumidor?

O sr. dr. João Luiz Ricado não respon- de e continua:

—A melhor lei cerealifera que tem havi- do é a que votou o Parlamento.

—Mas o pão politico...

—A lei era contra o pão politico. O pão politico resultou da necessidade que o go- verno um dia teve de importar directa- mente o trigo, para o ceder á moagem.

—E isso estava especificado na lei?

—Estava, num artigo que deve ser ba- nido.

—Vamos ter ampla liberdade?

—De forma nenhuma. E' interessante a proposta de Joaquim Ribeiro, nesse sen- tido. Mas dificil de pôr em pratica sem a devida fixação cambial.

—Então?

—As fabricas moageiras importarão o trigo necessario.

—Certamente.

—Sob a tutela do Estado.

—E se não importarem?

—Importará o Estado.

—Voltamos á mesma. Tem que o ceder depois...

—Não. Se o Estado tiver que importar ele proprio será o padeiro.

E com energia, apesar de abatido pela grippe, o sr. dr. João Luiz Ricardo con- clue:

—O que é preciso é acabar com o pão politico e com o predominio da moagem. São as ideias do ministro — e as minhas.

O governo de Moçambique

e a atitude do ministro das Colonias

Consta que o sr. ministro das Colonias, não nomeia nenhum governador geral interi- no da provincia de Moçambique, senão no caso do sr. dr. Brito Camacho desistir de voltar a exercer o cargo de Alto Comissario naquela provincia ou que ainda se demóra na metropole.

Uma bomba contra um policia

José de Almeida, Alto dos Sete Moinhos, 7, foi preso por na rua Garcia á Cascalheira se ter envolvido em desordem com um indi- viduo que se evadiu.

Contra o guarda 2072, que interveiu na ocasião em que tentava separá-los, o Almeida arremessou uma bomba que não o atingiu.

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

O FIM DO CARNAVAL

Os homens

que se vestiram de mulher

foram condenados em 16 escudos cada

Um julgamento interessante

No tribunal dos pequenos delitos que tem as suas sessões, despidas de protocolo, na ante-sala do gabinete do sr. dr. Paulo Me- nano, foram hoje julgados e condenados 16 rapazes que entenderam festejar o Carnaval a seu modo — vestindo-se de mulher.

O pequeno tribunal estava cheio de gente. Em duas filas viam-se os deliquentes, já meio desmascarados. Um, de grande bata á enfer- meira, careca e cara rapada. Outro, sapatos de tacão alto e saias arregaçadas. Seguia-se o terceiro. Capa de senhora com ramagens ta- fueis. O quarto era alto, lançava o dominó como uma espanhola; pulseira de oiro e gola de cambraia. Um rapazito de 15 anos, pe- quenino, rosto mulherial, escondia-se atrás de um latagão, de saia curta e peito a des- coberto.

Os acusados defenderam-se dizendo que tinham sido convidados para a «soirée mas- quée», na escola da Graça e que o baile se realizara no domingo, no meio da maior de- cencia. As testemunhas de acusação, sem des- cerem a minucias, informaram cabalmente o juiz.

O sr. Paulo Menano para o professor:

—Diga o que sabe!

—Eu tenho sempre alugado o salão da Escola. Este ano, infelizmente, é que não me sai bem...

—Viu alguma coisa?

—Não, não vi nada. Fui informado pelo continuo. Corri logo á esquadra.

—O que lhe disse o continuo?

—Que o baile tinha pessoas suspeitas! Que só tinha entrado uma mulher...

Ha risos, logo sufocados, quando o sr. Paulo Menano afirma que não quere ouvir ninguem. Agora é o continuo da escola. E mais explicito:

—A's 10 1|2 entraram os primeiros convi- dados...

—Estão aqui alguns...

—Eram alguns destes senhores. Eu a bem dizer naquela ocasião não podia afirmar se eram homens ou mulheres... Depois, os ins- trumentistas appareceram, flauta, viola e gui- tarra.

—Entraram logo para a sala?

—Entraram! Tiraram os sobretudos e fica- ram então todos mulheres. De brincos até, sr. juiz! Atados com uma guita á orelha... E eu a reparar naquilo tudo!

Os acusados, caras rapadas, femeninas, outros de faces amareladas, decaídas, gastos — ouviam em silencio o depoimento.

O continuo, bom homem, coçou a orelha e falou outra vez:

— Falavam como as mulheres de grupo pa- ra grupo. E reparando, porém, as vozes eram de homens!

Ninguem poude resistir. Ri-se descarada- mente.

— E como é que eles estavam?

— Braços ao leu, pernas ao leu, peitos ao leu.

O publico impacienta-se outra vez.

—De decotes, hein?

—E aos guinchos, sr. juiz! A certa altura quiz ir á sala distribuir os programas, que um deles me pediu. Não deixaram. A sala fechou-se...

—Bem! Bem! concluiu o sr. dr. Paulo Me- nano. Fique por aí.

Um dos acusados intervem para dizer que foi acompanhado por uma senhora. O seu fi- sico desmente a hipotese.

Todos eles de trapos velhos, dominós ba- ciolados, saias arrepanhadas e caras indicati- vas — esperam agora a sentença.

O dr. vai lendo nas papeletas o nome de cada um.

— Fulano, 160 escudos.

São todos multados em igual quantia, com mais sessenta escudos, divididos por todos. Um deles por trocar o nome é multado em 180$00.

Na altura da sentença, um deles protesta em vós galante:

—Sr. juiz! Eu não pago a multa. Vou no- mear advogado... Quero saír daqui com hon- ra...

—Honra? Para isso é melhor recorrer ao Instituto de Medicina Legal.

E sobre esta frase terminou o julgamento.

No pateo do governo civil, a dois e dois, alguns deles foram pagar a multa. O sr. Vi- riato Lobo, duma janela, assistia ao desfile. Deram-se scenas lancinantes e pateticas entre os presos e alguns que conseguiram escapar do penoso baile.

Telefone C. 3033
SOUZA, MOURA & C.ª, L.da
End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ES- TRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRA- SO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

EDEN-TEATRO HOJE — Duas Sessões — ás 8,30 e ás 10,30
Festa dos autores
da revista
TIRO AO ALVO

AS SUBSISTENCIAS

32.000 QUILOS DE BACALHAU PODRE FORAM APREENDIDOS

A semana passada, os fiscais das subsis- tencias apreenderam, no armazem do sr. Dio- go Firmino & C.ª, Ltd., no largo de S. Paulo, 82, um carregamento de 32 mil quilos de ba- calhau improprio para consumo.

O *Diario de Lisboa* ouviu um dos referi- dos fiscais:

—Qual foi a opinião do sub-delegado de saude?

—O dr. Serrão Moura, que foi chamado pela firma comercial, depois da comparencia dos fiscais, respondeu que o bacalhau não es- tava bom, mas quem o comesse não morria...

—O que fizeram os fiscais?

—Disseram á firma comercial que sepa- rasse o bacalhau bom do mau, tirando amos- tras deste e enviaram-nas para o Instituto Bacteriologico.

—O resultado?

—Foi dado todo o bacalhau como impro- prio para consumo.

—Depois?

—Foi levantado o respectivo auto e o processo transitou para o tribunal dos açam- barcadores.

— Quando é julgado?

— Isso é uma charada...

— Não compreendo.

— Eu lhe conto: Assim que o processo deu entrada no tribunal, moveram-se influen- cias politicas, para que se fizesse uma nova escolha do bacalhau.

— E fez-se isso?

—Está-se fazendo com a assistencia do juiz sr. dr. Ferreira Lemos, fiscal Ivo Ferreira, sub-delegado de saude dr. Serrão Moura, um analista e o chefe da fiscalisação, sr. Serafim Cardoso.

—O que disse o analista?

—Logo no primeiro dia surgiram dificul dades. O medico dizia que o bacalhau era bom e o analista demonstravalhe o contrario, visto o bacalhau largar a espinha toda encar- niçada.

—Vai ser manifestado o azeite existente no país?

—Vai, a fim de se conhecer a disponibili- dade do existente para venda ao publico.

—Com que fim?

—Para se fazer o tabelamento, visto estar- se a vender já a 6$00 e 7$00 o litro.

—O preço do tabelamento será de?...

—3$50 a 4$00 o litro, para o produtor e armazenista.

Um violento incendio no Campo das Cebolas

Pelas 6 horas, manifestou-se ontem in- cendio, com grande violencia, no Beco dos Armazens de Linho, n.º 7, propriedade que faz esquina para o Arco de Jesus, n.º 8, (ao Campo das Cebolas).

No n.º 7, existia cocheira, armazem de cereais, e no 1.º andar torrefação e moa- gem de cereais sendo o prejuizo total nestes armazens.

O armazem onde começou o incendio, cuja origem se ignora, pertencia a Cons- tantino Taboas Garcia, havendo lá cereais maquinismos, uma carroça, um cavalo e uma cabra. A porta foi arrombada pelos bombeiros, sendo retirada a carroça, a cabra e o cavalo, com queimaduras, pelo bombeiro n.º 76, Joaquim José e por popu- lares.

A propriedade pertence á Marquesa d'Avila.

No local compareceu muito povo que era contido por policias e G. N. R.

A's 12 horas terminou o rescaldo.

DE LUTO

João Pessanha

Faleceu em Ancião o deputado sr. João Pessanha, administrador geral interino dos correios e telegrafos.